

O CAPITAL COMO OPERADOR SEMIÓTICO NA ALGORITMIZAÇÃO DO HOMEM E AS DIFICULDADES PARA A INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA NA DÍADE CULPA/ENDIVIDAMENTO

CAPITAL AS A SEMIOTIC OPERATOR IN THE ALGORITHMIZATION OF MAN AND THE DIFFICULTIES FOR THE INTERVENTION PSYCHOANALYTIC IN THE GUILT/INDEBTEDNESS DYAD

Mônica Parreiras¹

Resumo:

Este artigo tem por objetivo abordar as teorizações de Lazzarato concernentes ao capital enquanto operador semiótico, a-significante, desterritorializado e fluido na função de algoritmizador do homem pela economia. Pretende-se também, articular o capital enquanto uma droga com a distopia futurista de Aldous Huxley *Admirável Mundo Novo* (1932), com vistas a mostrar não apenas a atualidade dessa obra, mas, sobretudo, a engrenagem alienante das promessas de resultados imediatos como forma de evitação dos limites e faltas inerentes ao sujeito. Ao longo do artigo, tratar-se-á do surgimento do homem endividado na sua relação com a culpa, a partir do sequestro do seu desejo quando capturado pelo capital e transformado em objeto. A narrativa da obra huxleniana servirá de base para uma aproximação entre o capital como a droga capaz de algoritmizar o sujeito com a promessa de um mundo melhor e mais novo tal qual o mundo proposto por Huxley e, por isso, as dificuldades para a intervenção da psicanálise que se propõem a trabalhar com a palavra para que o sujeito possa renunciar ao gozo imediato, assenhorando-se do seu desejo.

Palavras-chave: Capital. Droga. Dívida. Distopia. Psicanálise.

Abstract:

This article aims to address Lazzarato's theorizations concerning capital as a semiotic operator, a-signifying, deterritorialized and fluid in the function of algorithmizing man through the economy. It is also intended to articulate capital as a drug with the futuristic dystopia of Aldous Huxley *Admirable New World* (1932), in order to show not only the actuality of this work, but, above all, the alienating gear of promises of immediate results as a way of avoiding the limits and faults inherent to the subject. Throughout the article, we will deal with the emergence of the indebted man in his relationship with guilt, from the kidnapping of his desire when captured by capital and transformed into an object. The narrative of the Huxlenian work will serve as the basis for an approximation between capital as the drug capable of algorithmizing the subject with the promise of a better and newer world such as the world proposed by Huxley and, therefore, the difficulties for the intervention of the psychoanalysis that propose to work with the word so that the subject can renounce immediate jouissance, taking over his desire.

Keywords: Capital. Drug. Debt. Dystopia. Psychoanalysis.



¹ Doutoranda (Bolsista PROEX - CAPES), Mestre em Filosofia / UNISINOS, Graduada em Psicologia / UNICAP, Especialista em psicologia / UNISINOS, E-mail: monicaparreiras@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-4052-4103>

Partindo da noção de capital como operador semiótico e não linguístico, é fundamental o entendimento de que segundo Pierce, a semiótica é a teoria geral das representações. Ela aborda os signos sob todas as formas e manifestações assumidas, sendo linguísticas ou não, mas enfatizando a propriedade de convertibilidade entre os sistemas integradores. Dessa forma, as moedas e os logaritmos sendo semióticos a-significantes, funcionam independentemente do fato de significarem algo para alguém, uma vez que não são capturadas pelo dualismo significante/significado. São signos operatórios, “signos de poder”, cuja ação não passa pela representação, sendo sua principal característica, oferecer bem-estar imediato por meio da aquisição de produtos os mais diversos.

De acordo com Lazzarato (2017), existem três armas de captura da crise, ou seja, o imposto, a renda e o lucro na função de máquinas contábeis de avaliação, medida e distribuição de valor e mais-valia. Entretanto, ele enfatiza ser o imposto a arma principal do governo do homem endividado, não sendo instrumento de redistribuição posterior à produção, e não tendo origem mercantil, mas sim uma origem política e garantidora da continuidade e reprodução do lucro e da renda bloqueada pela crise. O imposto seria então, a medida de eficácia, intervindo como arma de governamentalidade política, ao exercer controle econômico e disciplinar sobre a população.

No intuito de explicitar o que seria a governamentalidade, o autor recorre ao conceito foucaultiano com a descrição de incitar de forma leve e adaptativa o indivíduo a reagir conforme se espera. Seu acréscimo diz respeito ao fato de a crise colocar em jogo técnicas impositivas e proibitivas baseadas no consumo, influenciadas pelo *marketing*², pelos meios de comunicação e, em especial, pelas redes sociais. Assim, a crise coloca em jogo, dispositivos de controle da subjetividade com o incentivo ao consumo. Por isso, falar de governamentalidade implica trazer à tona as crises e o sentimento de medo por serem modos do governar do capitalismo contemporâneo. O autor ao falar sobre o capitalismo de Estado coloca:

[...] Soberania e governamentalidade funcionam sempre juntas e em concerto. Na crise, os neoliberais não procuram governar o menos possível, mas, pelo contrário, governar tudo, até os mínimos detalhes. Eles não produzem “liberdade”, mas sua limitação contínua. Eles não articulam liberdade de mercado e Estado de Direito, mas a suspensão da já frágil democracia. (LAZZARATO, 2017. p. 11)

Sendo assim, a obra de Aldous Huxley intitulada *Admirável Mundo Novo* escrita em 1932, será utilizada para atestar a partir da sua atualidade, o assujeitamento coletivo e a alienação individual inerentes ao funcionamento distópico das sociedades opressoras e totalitárias. A analogia pretendida a partir da trama, será entre a droga *soma* e as diversas roupagens com as quais o capital aparece para algoritmizar o homem com a ilusão de completude e anestesiamento de suas dores.

Outro ponto importante, será a relação do sujeito compulsivo com a díade culpa/endividamento na sua sequência ininterrupta que ao mesmo tempo oferece produtos, mas também o objetifica na medida em que o captura na sua condição de

² Palavra derivada do termo inglês *market*, que significa mercado. *Marketing* consiste na arte de explorar, criar e atribuir valor para produtos e serviços capazes de satisfazer as necessidades de mercado.

sujeito desejante quando passa a fazer parte do mecanismo compulsivo.

Discorrer sobre a obra de Huxley, servirá então, como pano de fundo para uma analogia muito próxima ao contexto atual, mas principalmente para a interlocução com as elaborações de Lazzarato sobre o capital enquanto algoritmizador do homem pela economia. Entretanto, irei além, propondo o capital na condição de uma droga com o potencial de engambelar o sujeito com suas promessas de bem-estar imediato, tornando-o um algoritmo e, com isso, clarificam-se as dificuldades de intervenção psicanalítica junto a esses sujeitos alienados em seus mundos fantásticos e sem qualquer falta.

O capital como droga

Por que é importante compreender as leis, a natureza e as contradições do capital? Lazzarato (2017), refere que a guinada neoliberal resulta na “liberação” do capital face às instituições fordistas e ao serem eliminadas essas últimas, passa-se da hegemonia do capital industrial à hegemonia do capital financeiro, resultando em uma configuração inteiramente diferente. A hegemonia do capital financeiro sobre a do capital industrial, está implicada na lógica mesma do capital e da sua acumulação. No neoliberalismo, o dinheiro ao ser liberado como capital, marca uma nova desterritorialização, a começar pela declaração em 1971 da inconversibilidade do dólar em ouro.

Entretanto, “liberar” capital não é o mesmo que libertar o suposto poder de autorregulação, mas o contrário, pois as dissimetrias, desequilíbrios e desigualdades, são condições de sua valorização, da apropriação e expropriação da produção social como finalidades. A estratégia do capitalismo para transformar os capitalismo, teve o capital como seu cerne, mesmo não sendo possível deduzir o capitalismo do capital, conforme apontou Foucault (2008). A partir de 1970, houve um favorecimento para a liberação do capital. Destaque para questão fundamental no que diz respeito ao capital, é o fato de ele possuir uma lógica própria e um modo de acumulação específico, não redutíveis ao mercado, à concorrência e à empresa, como pregam os neoliberais e até os marxistas.

Para Deleuze e Guattari (2010), o banco é mantenedor de todo o sistema, sendo os fluxos financeiros os garantidores do investimento subjetivo do desejo. Uma definição praticamente marxiana na direção de uma lógica da hegemonia do capital financeiro na introdução de uma descontinuidade radical na história do capital e do capitalismo. A relação capital/trabalho estava no centro da valorização das relações de poder e da política desde a revolução industrial. Termos do vocabulário de *O anti-Édipo* (2010), como: fluxos, corte de fluxos, fluxos descodificados, conjunções dos fluxos, mais-valia, nós, rizoma e conexões; embora não pertençam ao escopo desse artigo, mostram a adaptação para a descrição do capital financeiro como aparelho de captura e comando. Uma descodificação caracterizada pela destruição de códigos da economia (o pleno-emprego), do social (o Estado social) e da política (os partidos políticos de massa) como regentes das relações sociais do fordismo.

A hegemonia econômica e política do capital financeiro sobre o capital industrial e comercial foi subestimada pelo marxismo a partir dos anos 1860. O capital financeiro unifica os outros dois como forma mais pura da apropriação cuja hegemonia se instalou a partir dos anos 1970. Outro aspecto pouco tematizado pelo marxismo é a integração da classe trabalhadora e da população em geral à

valorização capitalista por meio do consumo de massa, em primeiro lugar, e do Estado social, em segundo. Essa integração é inseparável das tecnologias de poder que agem sobre e pelo fluxo de produção da subjetividade. As categorias do *Anti-Édipo* (2010), anteriormente citadas, podem ajudar a compreender a dupla desterritorialização dos dispositivos de produção e de poder.

Com isso, torna-se indispensável a valorização do capital e o processo de desterritorialização se repete a cada nova dominação capitalista, estendendo-se no social e no trabalho. Este processo decretou a “mobilização geral” (FOUCAULT, 2008), e, conseqüentemente, os diferentes fluxos saíram de seu território como a fábrica, a escola, o hospital e o exército, territórios nos quais o capitalismo disciplinar havia-os encerrado. Relação capital/trabalho deslocalizada e flexibilizada, serviços do Estado social indexados de maneira diferencial à mobilidade imposta, à força de trabalho e à população e privatizados, o Estado-nação e sua governamentalidade foram enfraquecidos pelos movimentos de capitais, pelos movimentos migratórios, pelas transferências de tecnologias e os fluxos de comunicação e de informação sofreram desestruturação e foram transferidos aos capitais privados.

A moeda após a libertação da sua ancoragem ao ouro, passou a ser a instituição estratégica a sustentar e impulsionar a maior parte da desterritorialização, tornando-se infinitamente móvel e mobilizável. Houve deslocamento de fluxos em uma subordinação à velocidade-mãe do capital-dinheiro, que é a forma mais líquida e flexível do capital. Lazzarato (2017), aposta na economia da informação como responsável por captar e colocar no trabalho o “tempo da vida” e não o “tempo de trabalho”. De acordo com Foucault (2008), o capitalismo instituiu técnicas de poder, definidas por ele como “disciplinares” e “biopolíticas”. Nas primeiras, o objetivo centrava-se no “homem-corpo” e, nas outras, o objeto em questão era o “homem-espécie”. Contudo, as técnicas de poder “biopolíticas” tomam os processos inerentes à vida, como morte, nascimento, produção, doença, para recolocar os corpos no interior dos processos biológicos de conjunto. O que entra em cena aqui diz respeito ao “tempo e suas virtualidades”. É o tempo-potência enquanto fonte de criação contínua.

É nessa perspectiva que Lazzarato nessa mesma obra, vai delineando o conceito de biopolítica como englobando não apenas os processos biológicos da espécie, mas uma vida a-orgânica na qual a virtualidade é a força motriz da criatividade. É o que ele chama de “vitalismo temporal”, pois não remete ao orgânico, mas sim ao virtual.

A díade culpa/endividamento

O conceito de dívida acompanha o indivíduo desde a postulação de um único Deus tornado credor onipotente, onisciente e onipresente. Nietzsche em *A Genealogia da Moral* (1887), define Deus como credor colossal e infinito, causador do sentimento de estarmos sendo observados, julgados e cobrados. Com a dívida surge a culpa e conseqüentemente a escravidão da subjetividade. Dívida e dever entrelaçados se voltam contra o devedor e o golpe final do cristianismo traz o sacrifício do Cristo Salvador na expiação da culpa e a redenção da humanidade, fazendo o credor se sacrificar pelo devedor.

Ainda sobre a dívida, Lazzarato (2017), adverte para a “dívida de vida” ou

“dívida originária” ser assunto abordado por um padre, um homem de Estado ou um psicanalista. A novidade está na inclusão do economista e, com ele, a função de concernir e justificar a soberania face ao indivíduo. Forma de construir a soberania e cimentar a comunidade nos trabalhos por meio de rituais e sacrifícios.

De modo inteiramente distinto, Deleuze, Guattari e Nietzsche, apresentam a concepção da dívida de vida, não remetendo nem à natureza nem ao universal. Sendo assim, não é signo do endividamento original transmitido no nascimento, mas originária por uma situação política específica. As sociedades hierarquizadas, de Estado e monoteístas, introduzem a dívida de existência, a dívida primordial e de vida, fazendo dela uma dívida infinita.

O capitalismo introduziu o infinito na economia e na produção prolongando a dívida e, com isso, a culpa associada à dívida pelas religiões monoteístas. O cerne da acumulação capitalista instalou a finança e a moeda de crédito tendo como motor a dívida. Assim, o capitalismo financeiro tornou a dívida, uma promessa que para ser honrada, implica contrair novas dívidas em um movimento ininterrupto e contínuo.

Partindo do conceito de máquina desejante, para Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo* (2010), há produção desejante desde que haja produção e reprodução sociais. As máquinas sociais pré-capitalistas são inerentes ao desejo precisamente por elas codificarem os fluxos do desejo. Codificar o desejo, o medo e a angústia dos fluxos descodificados, é objetivo do *socius*³. O capitalismo é a única máquina social construída sobre fluxos descodificados numa substituição dos códigos intrínsecos pela axiomática das quantidades abstratas sob a forma de moeda.

A questão da dívida é tema recorrente nas sessões de análise e, em especial, na sua íntima relação com a culpa. Cabe a ressalva para um enfraquecimento dos pais na função de autoridade, trazendo como consequência a dificuldade na transmissão da dívida simbólica. Dito de outro modo, a dificuldade de transmissão da dívida de vida enquanto garantidora dos lugares genealógicos e da diferenciação subjetiva a marcar posições

Sobre o *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley

Partindo do conceito de *Distopia* antes de introduzir a obra que será descrita, segundo a Wikipédia, *Distopia* ou *Antiutopia* é o pensamento ou o processo discursivo baseado numa ficção cujo valor representa a antítese da utopia. As distopias são geralmente caracterizadas pelo totalitarismo, autoritarismo ou por opressivo controle da sociedade. A tecnologia é usada como ferramenta de controle, seja do Estado, seja de Instituições ou mesmo de Corporações.

O isolamento por meio de muros tornado tendência da elite a partir da década de setenta e o impacto da cultura dos condomínios fechados, surge como meio de garantir a ordem e a segurança não oferecidas pelo Estado. O resultado disso aparece algumas décadas depois com as gerações de pessoas a nascerem e crescerem em bolhas, convivendo apenas com seus semelhantes. Do ponto de vista econômico e social, elas formam um grupo impenetrável com um esquema de segurança equipado para não deixar passar “o diferente”, ou melhor dizendo, “o inferior”, pois tudo que está para além dos muros é ameaçador. Não há diálogo e

³ Derivada do latim, a palavra *socius* significa “aliado, parceiro, camarada”.

sim uma exacerbação do narcisismo. Pessoas protegidas por muros acabam não conhecendo a diferença e a alteridade. A segregação social e a necessidade de autoafirmação perante o outro, são consequências diretas de uma vida programada.

Como base para o desenvolvimento do artigo, e na tentativa de fazer uma analogia aos condomínios fechados, farei referência ao livro *Admirável mundo novo* (2014) de Aldous Huxley, escrito na década de trinta como crítica à cultura americana através de uma distopia futurista localizada na Inglaterra americanizada e tendo como ídolo o personagem Henry Ford (o Deus Ford).

Huxley (2014), aborda questões socioculturais bastante atuais, muito embora não tenha podido prever a revolução propiciada pela era digital. Ele apresenta um texto extremamente pertinente e aponta a ditadura da felicidade, da beleza e da juventude. Na trama, o lema do Estado Mundial era: “comunidade, identidade, estabilidade”. Não interessavam os intelectuais, mas o trabalho braçal por ser a espinha dorsal daquela sociedade. No Centro de Incubação e Condicionamento de Londres, os óvulos Alfas e Betas eram conservados até seu acondicionamento definitivo em bocais, e os Gamas, Deltas e Ípsilones eram retirados com trinta e seis horas para se submeterem ao Processo Bokanovsky. Neste processo, um ovo teria a propriedade de germinar, proliferar e dividir-se de oito a noventa e seis vezes. “-Noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas!” (HUSLEY, 2014, p. 26).

O esquema era o seguinte: sala de fecundação → sala de enfrascamento → sala de predestinação social → depósito dos embriões → sala de decantação. Após a decantação, em cada bocal era instalada a circulação materna artificial, uma espécie de falso sangue, e a bomba centrífuga com a função de manter o líquido acima da placenta em movimento. Interessante destacar, o “trauma da decantação” descrito pelo autor como algo a ser evitado e, por isso, sacudiam simultaneamente todos os embriões com o intuito de os adestram para não ficarem parados.

Não seria esse o movimento incentivado pela produção em série onde não há pensamento e apenas ação mecânica? A sociedade retratada pelo autor e dividida em castas, ia de carregadores a diretores de Incubação e todos eram predestinados e condicionados. “O segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos obrigados a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar” (HUSLEY, 2014, p. 36). A redução do oxigênio tinha influência no grau de inteligência e no comprometimento do esqueleto.

Ao longo da trama, é possível ver claramente os métodos comportamentais, uma engenharia genética e social de condicionamentos durante o sono (hipnopedia) e durante o desenvolvimento. O sexo livre e sem compromisso era estimulado com o oferecimento de recursos químicos para a substituição da paixão violenta e da gravidez. Mas o principal meio de controle estava na droga capaz de anestesiá-las as sensações ruins e embarcar o usuário em uma viagem de imbecilidade e tranquilidade durante o tempo necessário para o mal-estar se dissipar, chamada por eles de *soma*.

Como recursos coletivos, eliminaram a família, a arte, a filosofia e a religião, além de banirem a criticidade, a criatividade, a individualidade, a intimidade e a privacidade. A distopia huxleniana tinha como axioma central dissipar os sentimentos intensos e profundos. Não podia haver laços e nem tampouco a criação de uma identidade.

Destaque importante para um condicionamento de intelectuais “Alfa-Mais” no sentido de criarem um ódio “instintivo” aos livros e às flores. Livros associados a barulhos intensos e ensurdecadores e flores associadas a choques elétricos. O livro oferecia-lhes assim:

[..] o perigo de lerem coisas que provocassem o indesejável descondicionamento de alguns dos seus reflexos. [...] as flores do campo e as paisagens, advertiu, têm um grave defeito: são gratuitas. O amor à natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica. (HUSLEY, 2014, pp. 42-43)

E assim vivem os “condôminos Alpha α ” atualmente. Parece que nada lhes falta, são os maiorais e não precisam de nada, apenas de seus serviços. Seus filhos frequentam os mesmos lugares, vestem as mesmas etiquetas e têm sempre o mesmo papo. Como no livro:

[...] somos muito superiores aos Gamas e aos Deltas. Os Gamas são estúpidos. Eles se vestem de verde e as crianças Deltas se vestem de cáqui. Oh, não, não quero brincar com crianças Deltas. E os Ípsilones são ainda piores. São demasiado estúpidos para saberem [...]. (HUSLEY, 2014, p. 48)

A sociedade de consumo segundo o autor, deveria ser impulsiva porque assim o impulso reprimido transbordaria e inundaria transformando-se em paixão e loucura. Tudo dependeria da força da corrente, da resistência do dique e da altura. No intervalo de tempo entre o desejo e sua satisfação, estaria o sentimento à espreita e por isso o desejo precisaria ser satisfeito. Reduzindo o intervalo, o dique seria derrubado! Além disso, na trama huxleniana, observa-se um desrespeito à morte sendo até nesse momento feito um trabalho para a obtenção de lucros, pois da cremação de cada corpo tiravam um quilo e meio de fósforo. “-É muito bom pensar que podemos continuar sendo socialmente úteis mesmo depois de mortos” (HUSLEY, 2014, p. 99).

Observa-se também, uma analogia do Deus Ford ao Deus da religião quando havia a Cerimônia de Solidariedade na qual a taça da amizade com refresco de morango e *soma* era passada de mão em mão por doze vezes ao mesmo tempo em que entoavam o Cântico de Solidariedade:

*“Nós somos doze, ó Ford; em tuas mãos reunidos
Como as gotas que caem no Rio Social
Ah! Faz com que corramos destemidos
Como teu Calhambeque sem rival!”⁴*

O ritual prosseguia e com ele, o efeito da droga *soma*, até atingirem uma espécie de possessão. Doze apóstolos dançando e enaltecendo Ford até a vinda do Doze-em-Um, que era a encarnação do Grande Ser. Entretanto, apenas um dentre eles, já não vivia aquilo tudo como um êxtase. Bernard começava a questionar alguns princípios e o que ele sentiria se fosse livre e se não estivesse escravizado pelo seu condicionamento. Ele desejava ser feliz a seu modo sendo adulto em tempo integral, já que eles só deveriam ser adultos para o trabalho, e crianças no tocante ao desejo e aos sentimentos, sem serem frustrados para evitar os sentimentos desagradáveis.

⁴ HUSLEY, Aldous – *Admirável mundo novo* – São Paulo: Globo, 2014 – Página 106

Freud em seu texto *O Mal-estar na Civilização* (1930), enumera as vicissitudes do indivíduo na busca pela felicidade e os recursos por ele utilizados. Dentre eles, destaca-se a sublimação das pulsões, a elaboração filosófica dessas pulsões e a fuga por meio de entorpecentes. Todavia, os personagens da obra huxleniana não contavam com os recursos coletivos vindos da família, da arte, da filosofia e da religião para lidarem com as pulsões, sendo somente por meio da droga *soma* que se dava a evitação de sentimentos intensos.

Dando sequência à trama, importante referir que Bernard incomodado com o sequestro do seu desejo, parte em férias para o Novo México (Malpaís) acompanhado por Lenina. Durante a viagem eles encontram Linda e John (o selvagem), personagem não condicionado e inserido na trama para contrastar as várias realidades, diferentemente de sua mãe vinda da civilização. Advém a partir daí uma série de conflitos até que Bernard decide levar Linda e John para a civilização. Instala-se um verdadeiro rebuliço com a chegada dos dois à civilização e Bernard passa a ser reconhecido, mas não quer abandonar o direito de criticar essa ordem. John e Linda são observados e analisados em seus comportamentos. Bernard pede a Lenina para sair com John e após a sessão de cinema, ele deixa-a em casa e segue sem dar aquela esticadinha. Para esquecer que fora deixada, ela se entorpece de *soma*. No seguimento da trama, John (o selvagem), não quer mais ser visto como objeto de estudo e já não obedece mais a Bernard. Lenina apaixonada por ele, decide seduzi-lo, não obtendo êxito. Linda, sua mãe, piora seu estado de saúde sendo levada para o Hospital de Park Lane destinado aos Moribundos. John acompanha a mãe até a sua morte, mas antes revive as lembranças e emoções enquanto permanece ao lado de seu leito. As enfermeiras têm como única preocupação as crianças que precisam ser condicionadas para a morte. Ele revoltado inicia uma tentativa de falar às pessoas sobre o aprisionamento em que vivem e sobre os malefícios da droga *soma*, sendo impedido pela polícia e conduzido para o gabinete do Administrador.

No gabinete faz sua avaliação do funcionamento no *Admirável mundo novo* e ouve do Administrador a defesa para escolherem entre a felicidade e aquilo que antigamente denominavam de grande arte. Afinal, eles aboliram as artes, a ciência, a religião, a filosofia ou qualquer forma de pensar a sociedade. Nessa altura da trama, o Administrador decide mandar Bernard para uma ilha com a seguinte justificativa:

Vai ser mandado para uma ilha, isto é, para um lugar onde conhecerá o mais interessante conjunto de homens e mulheres existentes em qualquer parte do mundo. Todas as pessoas que, por esta ou aquela razão, adquiriram demasiada consciência de sua individualidade para poderem adaptar-se à vida comunitária; todas as pessoas a quem a ortodoxia não satisfaz, que têm ideias próprias e independentes. (HUSLEY, 2014, p. 272)

John e o Administrador desenvolvem diálogos interessantes sobre diminuir a importância da verdade e da beleza em detrimento ao conforto e à felicidade. Esse último chega a admitir que a felicidade universal mantém as engrenagens em funcionamento regular, e ele próprio optou por servir à felicidade dos outros. O Selvagem finaliza dizendo: “-Mas eu não quero conforto. Quero Deus, quero a poesia, quero o perigo autêntico, quero a liberdade, quero a bondade. Quero o pecado.” E Mustafá Mond responde: “[...] o senhor reclama o direito de ser infeliz” (HUSLEY, 2014, p. 286).

Os limites da intervenção psicanalítica

A psicanálise tendo o sujeito como objeto de trabalho, não consegue escapar da pedra angular em torno da qual gira todo o processo de tratamento, a saber, a castração, a verdade do sujeito, suas falhas e limites para sair do nível do gozo e aceder ao desejo. Contudo, a verdade do sujeito jamais poderá ser acessada na sua integralidade, mas apenas como meia-verdade e com o auxílio de suas formações inconscientes surgidas nos sintomas, sonhos, atos falhos e chistes.

Isso implica dizer, que o acesso ao sujeito, ou melhor dizendo, ao sujeito do inconsciente, também não é tarefa fácil, pois seu surgimento se dá de forma evanescente e no intervalo da cadeia significativa provocando uma exclusão. Entre um significante e outro, aparece então, algo da verdade que o institui, para em seguida, o trem voltar aos trilhos e seguir a jornada na qual um significante representará o sujeito para outro significante.

Retomando a questão da verdade, a analogia possível de ser feita, concerne ao total, fechado e, por isso, impossível de qualquer acesso e simbolização. Daí a parcialidade como representativa da meia-verdade, até porque o sujeito por intermédio da fala, faz uma ficção da sua história e é com o material ficcional que o analista irá trabalhar para propiciar um saber sobre a sua verdade, isto é, sobre aquilo que não se sabe. Contudo, o capital aparece como uma droga não só como representativa do monetário, da moeda, mas como meio para se atingir bens os mais diversos que tamponam a falta, a privação, a frustração e conseqüentemente a castração

Como fazer frente à demanda incessante e apelativa do consumismo desenfreado e facilitado pelas mídias sociais nos mais diferentes aplicativos? Conforme referido anteriormente, falar de capital não é o mesmo que falar de capitalismo, uma vez que este último deve ser contextualizado e relacionado às questões culturais, econômicas e políticas de cada país. Por capital, deve-se considerar os meios pelos quais se tem acesso a bens e produtos, corroborando as formulações de Lazzarato (2017), de ser o capital, um algoritmizador do homem pela economia.

Dito de outro modo, a fluidez e a fugacidade proporcionadas pelo consumismo, atestam a tese do psicanalista Charles Melman em sua obra *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio* (2002), quando enlaça o desejo ao objeto. Assim, "...o que causa o desejo no homem e na mulher, não é uma pessoa, é um objeto" (MELMAN, 2002, p. 19). Lembrando que o sujeito sempre demanda algo a alguém, condição essa para se manter na existência como insatisfeito, ele buscará subterfúgios que o façam esquecer seus limites ou lhe tragam um anestesiamiento da dor de existir.

As dificuldades para intervenção psicanalítica junto àqueles que têm pressa e evitam lidar com a privação e a frustração, aparecem como uma constante confirmada pela procura por tratamentos alternativos e superficiais que apenas descondicionam o corpo das tensões sem fazer passar o sofrimento pela palavra. Ademais, buscam respostas em literaturas rasas e óbvias de autoajuda, além da busca incessante por tratamentos medicamentosos via psicotrópicos sem um acompanhamento de escuta. Cabe o destaque ainda, para o uso indiscriminado de substâncias psicoativas, de drogas lícitas, bem como, qualquer tipo de produto ou relação estabelecida pelo homem na qual ele tenha perdido o controle da própria

vida e do seu desejo, permanecendo restrito ao campo do gozo instantâneo.

Para a satisfação imediata, tem-se o mundo virtualizado das redes sociais e dos aplicativos surgidos para eliminar a falta e a verdade. Graças a eles, é possível conseguir tudo o que se deseja via smartphone, ao mesmo tempo que eles mobilizam o sujeito, imobilizam seu desejo. A escravidão retratada por Huxley, pode ser equiparada à influência dos aplicativos projetados para regular a experiência de cidade, com uma força ideológica a guiar os movimentos enquanto paralisa o sujeito em relação ao que o move e para onde o move. Eles aparecem para preencher quase todas as faltas oferecendo entretenimento sem fim (jogos), transporte fácil (Uber, Easy, 99, Cabify), acesso instantâneo à comida e bebida (Ifood, Rappi) e até mesmo sexo e amor com os aplicativos de relacionamento.

Fundamental estar ciente da utilidade desses aplicativos, mas também do seu alcance. E não apenas os jogadores compulsivos estarão aí enquadrados, mas todos aqueles que se beneficiam das facilidades do Google ou qualquer um de seus aplicativos, muitos dos quais já aparecem instalados nos celulares. Não pensar e não sofrer, surgem como ideologias impulsionadas pela droga “o capital”, trazendo em seu bojo a morte do sujeito desejante. Não há o que desejar, pois o imediatismo oferece os substitutos, mascarando a falta.

Outro autor dedicado a pensar o sujeito contemporâneo, os mecanismos de captura e alienação individual, e de assujeitamento coletivo, é o filósofo e psicanalista Roland Chemama. Em seu livro *Elementos Lacanianos para uma Psicanálise no Cotidiano* (2002), ele discorre sobre a captura do sujeito pelo sistema de compra e troca e sua transformação em capital humano:

Encontrar, no real, o objeto perdido do gozo, este parece ser o anseio bastante explícito do toxicômano. O incômodo, evidentemente, é que se fica escravo de um objeto de gozo que não é metaforizado, que não é regulado pelo significante, bem mais ainda do que de qualquer outro objeto. (CHEMAMA, 2002, p. 262)

Nessa perspectiva, evidenciam-se as dificuldades para a intervenção da psicanálise, uma vez que o capital ao capturar o sujeito tornando-o um algoritmo fluido e desterritorializado, captura também o seu desejo na medida em que para se sustentar, precisa eliminar a verdade e substituir a ideologia do “não pense/não reflita” pela ideologia do “compre/satisfça”, sustentadora do consumismo desenfreado e compulsivo.

Considerações finais

Mas finalmente que relação é possível estabelecer entre esse *Admirável mundo novo* e a Psicanálise? Se a utopia pode ser tida como um trabalho do imaginário com vistas a modificar ou interferir na realidade, a distopia, por sua vez, ocorre de modo inverso, como imaginação que retira sua matéria prima da realidade. Pode-se falar com isso, em utopia pura ou distopia pura? Parece que havendo a possibilidade de um mundo melhor na utopia, e a distopia não admitindo a passagem para um mundo melhor, mas apenas para um mundo onde as características negativas do mundo que existe são reforçadas, esbarra-se em contradições.

Sendo assim, tem-se na utopia a distopia, e na distopia uma utopia. Não há como separar o dentro do fora, e o fora do dentro. Lacan se utilizou da *Banda de Moebius* para demonstrar isso, porque o inconsciente é inesgotável. Não há como

separar por muros essas contradições vistas nos condomínios Alphaville ou na sociedade distópica deste *Admirável mundo novo*.

Aliás, pensando nos muros e no capitalismo inerente às sociedades em questão, Lacan no Seminário *O Saber do Psicanalista* refere:

O que distingue o discurso do capitalista é a *Verwefung*, a rejeição; a rejeição fora de todos os campos do simbólico com aquilo que eu já disse que tem como consequência a rejeição de quê? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado ao capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, as coisas do amor. [...] (LACAN, 2017, p. 49)

Se na trama huxleniana, a mãe é abolida e é através da castração materna que o filho terá acesso à falta e, por conseguinte, também passar a ser castrado, parece óbvia toda a problemática a isso inerente. Sem castração materna, não há castração para o filho. No *Admirável mundo novo*, como não há o limite vindo da mãe, os muros deverão servir como contenção do perigo. Assim como as instituições religiosas, e por que não pensar nas psicanalíticas também? O que está fora é considerado ameaça para a “ordem”, mas Lacan faz uma analogia a isso ao dizendo: “E qualquer que seja o uso dos muros para manter a voz em forma, é claro que os muros não podem ter, não mais que o resto, suporte intuitivo, mesmo com toda a arte do arquiteto no fim da operação” (LACAN, 1997, p. 53).

A mesma pressa que faz da arte artefato mercadológico e dos sujeitos meros consumidores alienados pelo capital e presos em seus territórios de ignorância e entorpecimento. Pode-se supor com isso, que independente de ser esse indivíduo que acredita ser livre por ser um profissional liberal, dono do seu tempo, mas escravo do seu trabalho, ou até mesmo aquele concursado que precisa cumprir requisitos para se manter no emprego, embora tenha estabilidade, ambos estão capturados pelo capital. Talvez o único diferencial a ser feito, concerne à ilusão daquele que acredita ser empreendedor de si mesmo. Sua captura como produto, se dá na engrenagem ilusória com a promessa de um *Admirável Mundo Novo*, na qual o indivíduo passa de consumidor e empreendedor de si mesmo, mas não passa de mero capital humano.

A crise no modelo subjetivo neoliberal que tem o “projeto de substituir o *assalariado fordista* pelo *empreendedor de si*, transformando o indivíduo em empresa individual” (LAZZARATO, 2017, p. 14), segue fazendo dele um capital com a falsa promessa de liberdade, conforme pode ser comumente visto no marketing multinível. Embora legalizado no Brasil, seu funcionamento assenta-se na exploração velada com reuniões motivacionais e prêmios de incentivo para aqueles que se mantêm fiéis à empresa e certos de que estão sendo privilegiados.

Dessa forma, tomando o capital como uma droga capaz de anestésiar o sujeito, tirando-o do nível da reflexão e da palavra, por ter o mecanismo da compulsão que é a base das toxicomanias, tornam-se claras as manobras de condicionamento implícitas pela virtualidade por meio dos aplicativos de satisfação do gozo. Ademais, evidencia-se também, a barreira quase intransponível à psicanálise, uma vez que tem por objetivo trazer a angústia à superfície e, com ela, a verdade do sujeito de modo que consiga lidar com suas limitações.

Referências

CHEMAMA, Roland. *Elementos Lacanianos para uma Psicanálise no Cotidiano*.

Tradução de Francisco Franke Settineri e Patrícia Ramos. Porto Alegre: CMC Editora, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010. (Coleção TRANS)

FRANÇA NETO, Oswaldo. Verdade e ideologia na psicanálise e no capitalismo. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2014, v. 17, n. 2 [Acessado 1 Janeiro 2023], pp. 187-199. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200002>>. Epub 06 Mar 2015. ISSN 1809-4414.
<https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200002>

FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização*. In: *Obras completas*. V. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 2014.

LACAN, Jacques – *O Saber do Psicanalista* – Publicação para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife (CEFR) – Recife: 1997.

LACAN, Jacques. *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de MD Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988. (Campo Freudiano no Brasil)

LAZZARATO, Maurizio. *O Governo do Homem Endividado*. Tradução de Daniel P. P. da Costa. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LEBRUN, Jean-Pierre. *O mal-estar na subjetivação*. Tradução de Mario Fleig, Francisco F. Settineri e Cristóvão A. Viero. Porto Alegre: CMC Editora, 2010.

MELMAN, Charles. *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*. Porto Alegre: CMC Editora, 2003.

RASSIAL, Jean-Jacques. Psicopatologia do endividamento excessivo. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2005, v. 8, n. 2 [Acessado 3 Janeiro 2023], pp. 269-274. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982005000200007>>. Epub 12 Jan 2006. ISSN 1809-4414.
<https://doi.org/10.1590/S1516-14982005000200007>.

Recebido em: 01/2023
Aprovado em: 03/2023